# Jornalismo e Teoria Ator-Rede: possibilidades e limites do princípio da simetria a partir da verificação digital

Moreno Cruz Osório [1]

**Resumo:** A partir de uma sistematização das principais reflexões sobre jornalismo sob a perspectiva da Teoria Ator-Rede (TAR), este artigo propõe uma discussão sobre teoria e prática jornalística em função de uma das principais características da TAR: a simetria na relação entre atores humanos e não-humanos. Pra isso, lança seu olhar ao jornalismo digital, especificamente às técnicas de verificação digital. Sem ignorar desafios ontológicos e metodológicos, entende-se que os pressupostos da TAR oferecem argumentos para se pensar a relação cada vez mais estreita do jornalismo com a tecnologia e que também podem abrir novas perspectivas na busca do jornalismo por seu objeto de estudo.

**Palavras-chave**: jornalismo; Teoria Ator-Rede; verificação digital; teoria; epistemologia.

## 1. Introdução

De uns anos para cá, as ciências sociais têm acolhido a Teoria Ator-Rede (TAR), enxergando nela um conjunto de pressupostos[2] capaz de ajudar a responder questões impostas por determinados fenômenos. Na pesquisa em jornalismo, um número considerável de estudos recentes, dentro e fora do Brasil, vem desenvolvendo, aos poucos, reflexões teórico-epistemológicas (PRIMO; ZAGO, 2015; DOMINGO *et al.*, 2015;

[1] Jornalista, doutorando em Comunicação pela Unisinos, bolsista CNPq.
[2] A escolha por pelo termo 'pressupostos' se impõe diante da dificuldade de caracterização do que é, de fato, a Teoria Ator-Rede. Bruno Latour (2012) afirma que ela não é uma teoria, nem uma metodologia, e sublinha a confusão que o termo 'rede' pode causar em tempos de redes digitais. Por isso, adotamos 'pressupostos' como uma forma de fazer referência às construções teóricas de Latour, Law, entre outros pesquisadores, sobre uma ontologia que busca descrever o mundo levando em conta a sua hibridização (FREIRE, 2006, p. 46).

ARCE *et al.*, 2014; HOLANDA; LEMOS, 2013) que estão abrindo caminhos para pensar o jornalismo tanto na pesquisa, e aqui se destaca a busca pelo seu objeto de estudo, quanto a aspectos ligados à prática.

Diante deste cenário, o nosso objetivo é sistematizar algumas ideias, expostas nesses trabalhos, sobre uma das principais características da TAR: a simetria na relação entre instâncias humanas e não-humanas na composição do social (FREIRE, 2006). Temos consciência de que adotar tal parâmetro não prescinde problematizar suas relações com a ontologia e com as ciências sociais, bem como com as disciplinas que com ela possuem interface[3]. No entanto, não é o que pretendemos neste trabalho.

A ideia aqui é, a partir das principais reflexões sobre a TAR já realizadas na nossa área, propor uma discussão preliminar a respeito da atuação do não-humano no jornalismo sob sua ótica. Para isso, situações cotidianas da prática, bem como inovações introduzidas pelo mercado nos últimos anos, serão problematizadas junto dessas construções teórico-epistemológicas. Espera-se visualizar melhor possibilidades (e limites) que a TAR parece oferecer para pensar o jornalismo para além da "constituição moderna", que, segundo Latour, tentou, mas não conseguiu estabelecer um projeto purificador em que o humano está separado do não-humano (LATOUR, 2013).

Assim, este artigo está dividido em três partes. Na primeira, vamos recuperar as abordagens ao jornalismo a partir da TAR que consideremos mais relevantes. Ao fazer isso, retomaremos algumas características gerais do que Latour chama de "sociologia das associações", e como ela se diferencia da sociologia clássica, ou "sociologia do social", de acordo com o termo cunhado pelo sociólogo (LATOUR, 2012). Na segunda parte, relacionaremos essas abordagens com o caráter não-humano do jornalismo em uma de suas manifestações recentes, as técnicas para verificação de conteúdo digital. Isso nos permitirá, por fim, sugerir potenciais rotas de desenvolvimento da pesquisa em jornalismo, em especial o digital, bem como limites e obstáculos para, se for o caso, segui-las.

## 2. A TAR e o jornalismo

[3] Para reflexões sobre TAR e comunicação, ver Freire (2006), Melo (2007), Bruno (2012), Primo (2012, 2014), Holanda e Lemos (2013), Lemos (2013), Holanda (2014).

À medida em que a pesquisa em comunicação adentra na Teoria Ator-Rede, surgem possíveis conexões com o jornalismo. Este movimento ressalta, por um lado, a estreita relação do jornalismo, principalmente o modelo que se cristalizou ao longo do século XX, com o projeto moderno; por outro, escancara suas fragilidades, tanto na teoria quanto na prática, em um contexto de derrocada da modernidade.

Lemos e Holanda (2013) destacam que jornalismo vive uma relação paradoxal com o ideal de purificação que pode ser identificada já nas obras de Groth, Lippmann e Pulitzer. O jornalismo sempre buscou construir sua credibilidade a partir da sua capacidade de dizer a verdade. No entanto, costuma negar a inevitável influência que exerce na transmissão dessa verdade, mesmo que seja essa influência que lhe fornece credibilidade (LEMOS; HOLANDA, 2013, p. 8).

Nos termos da TAR, o jornalismo se vende como intermediário, mas na verdade é um mediador[4], mesmo consciente de sua condição. Isso acontece porque o "pensamento moderno é ordenador e sobrevaloriza a estabilização, operando pela 'purificação'" (ARCE et al., 2014, p. 502). Ou seja, o jornalismo busca a manutenção do seu status, mesmo que, no fundo, ele não seja sustentável. Podemos compreender melhor o que isso significa a partir de Lopes (1997), quando ele diz que

> a compreensão do jornalismo se adaptou às expectativas modernas, utilizando suas regras e categorizações que procuravam instrumentalizar o saber para quem queria descobrir a "fórmula" da comunicação mais eficaz [...]. O resultado foram estudos muito mais presos às etapas de produção do que à significação social da mesma, o que redundou na perda dos contextos (LOPES, 1997, p. 4-5).

A trajetória do jornalismo o transformou em uma "caixa-preta", expressão da TAR que "pode ser entendida como uma associação temporária estabilizada de 'dispositivos' (técnicas, projetos, legislação, normas, hábitos, etc)" (HOLANDA; LEMOS, 2013, p. 4). O jornalismo assume compromisso pela transparência na comunicação pública, mas ninguém sabe bem o que acontece quando as informações entram e saem das suas engrenagens. Nesse sentido, "a principal contribuição da TAR para a reflexão jor-

[4] Para Latour, intermediário é aquele que "transporta significado ou força sem transformá-los", enquanto mediadores são aqueles que "transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam" (LATOUR, 2012, p. 65).

nalística", segundo Arce et al., "é evitar que ela seja tomada como uma caixa-preta" (2014, p. 503) cujo objetivo é explicar o que o social é. Não tomarmos o social como algo dado, ou, para usar outra expressão comum à TAR, *taken for granted* (LAW, 1992), como algo que mais distingue a "sociologia das associações" da "sociologia do social" (LATOUR, 2012), nota-se aí o potencial oferecido pela TAR para refletir sobre o jornalismo após a modernidade.

Essas perspectivas de abordagem surgem no momento em que a "caixa-preta" do jornalismo é aberta à sua revelia pela ascensão e consolidação da internet social.

Tais transformações vêm sendo abordadas sob diversos ângulos. De maneira ilustrativa, vamos citar duas grandes "ofensivas" à "caixa-preta" do jornalismo. A primeira é a perda da exclusividade a uma parte importante da dinâmica que o constituiu historicamente a partir do momento em que, na sociedade em rede (CASTELLS, 2012), jornalistas e o seu público possuem potencialmente a matéria-prima da notícia (ANDERSON et al., 2012). A segunda é o fato de a notícia a estar passando por constantes e velozes transformações em sua estrutura (MIELNICZUK, 2003; BARBOSA, 2007; BERTOCCHI, 2014), fazendo com que as práticas profissionais sejam expostas, questionadas e atravessadas por outras disciplinas em tese estranhas ao jornalismo.

Esses dois aspectos evidenciam a impossibilidade de levar adiante um projeto purificador, pois nivela jornalismo e demais atores participantes da construção da realidade social, humanos e não-humanos, em uma mediação de caráter híbrido, "parte integrante e jamais autônoma do movimento coletivo de reagregar o social nas conexões intermidiáticas da contemporaneidade" (ARCE et al., 2014, p. 508).

As reflexões de Arce et al. convergem com as de Primo e Zago (2015) quando os últimos afirmam que o medo do determinismo tecnológico e os efeitos do determinismo social prejudicaram as teorias do jornalismo (2015, p. 41). Eles sugerem que a TAR e seu "ceticismo em relação a conceitos essencializados" podem contribuir para a obtenção de um entendimento sobre como o jornalismo acontece (2015, p. 42), oxigenando a reflexão sobre a ontologia jornalística. "O jornalismo não é uma etiqueta que pode ser atribuída a certos textos e imagens. Ao invés, é um processo momentâneo que acontece enquanto associações específicas se mantêm" (2015, p. 42).

TAR à parte, essa discussão nos remete às polêmicas que envolvem a afirmação do campo do jornalismo e os tensionamentos a um objeto de estudo próprio (FRANCISCATO, 2013; SILVA, 2009a; SILVA, 2009b; SOUSA, 2007; MEDITSCH, 2010; SALLES, 2011, entre outros). Nesse sentido, Silva (2009a) e Salles (2011) dialogam com as proposições de um jornalismo pensado a partir dos pressupostos da TAR ao propor, respectivamente, uma investigação sobre a imaterialidade do seu objeto de estudo e a visão de que a autoria no jornalismo "se estabelece nas relações, ou seja, nas interações que sustentam a rede[5] que vai se construindo ao longo do processo de criação" (SALLES, 2011, p. 3).

Para Silva (2009a), "as incontáveis manifestações empíricas do objeto não devem ser tomadas particularmente pelo próprio objeto, este sempre construído teoricamente e maior do que suas expressões materiais" (SILVA, 2009a, p. 1).

> O objeto de estudo do Jornalismo, então, deve ser a singularidade da perspectiva que busca a explicação ou a compreensão de um fenômeno social específico que se manifesta de incontáveis modos, desde os mais visíveis materialmente, atraentes à observação empírica, até situações de comunicação jornalística impalpáveis, incorpóreas (SILVA, 2009a, p. 9).

Ao buscar a superação do modelo teórico-epistemológico baseado no objeto empírico, a pesquisadora sublinha o caráter relacional do que seria a essência do jornalismo. Ou seja, considera que o jornalismo é menos o produto resultante de uma mediação, e mais a mediação em si. Segundo a TAR, trata-se de encarar o jornalismo como o resultado de uma associação, e não como algo dado de antemão. Dá-se menos atenção ao caráter material resultante do processo – a notícia, por exemplo, e todos os seus aspectos estruturais pré-estabelecidos – para investir, tal como sugere Silva, na singularidade do momento de manifestação do social, buscando sua compreensão e explicação.

Assim, "em vez de exigir novas respostas, os estudos em jornalismo talvez necessitem fazer novas perguntas" capazes de neutralizar "qualquer apriorismo a respeito do papel e das práticas da multiplicidade de atores" (DOMINGO et al., 2015, p. 54). Em artigo em que discutem os desafios práticos e as estratégias metodológicas para traçar

[5] O conceito de rede utilizado por Salles é semiótico (de linha peirceana): trata-se "de um percurso, sensível e intelectual de produção de objetos artísticos, científicos e midiáticos" (SALLES, 2011, p. 8).

redes[6] jornalísticas utilizando a TAR, Domingo et al. sugerem que os debates a respeito do futuro do jornalismo sejam centrados em

> *como* o jornalismo é construído, mantido e eventualmente modificado. Em outras palavras: quais são os recursos mobilizados e atividades realizadas pelos diferentes atores em lugares específicos para moldar algo que eles chamam *jornalismo* (DOMINGO et al., 2015, p. 54, grifos do autor).

Ou, de acordo com Primo e Zago (2015), tentar traçar *o que*, além de quem, faz o jornalismo. "Artefatos tecnológicos são tratados como intermediários no jornalismo [...]. Mas, sob certas circunstâncias, a tecnologia pode agir como um mediador, transformando o processo jornalístico" (PRIMO; ZAGO, 2015, p. 43).

Entendemos que o jornalismo precisa abrir suas fronteiras para aproveitar o poder de uma mediação que transcenda os limites dados "por restrições internas e externas à produção, que oferecem resistência à liberdade" (SALLES, 2011, p. 9) dele próprio. Até porque suas estruturas estão sendo abertas de forma compulsória pela emergência de outros "pontos de propulsão" (OLIVEIRA; HENN, 2014) de informações e de sentidos capazes de questionar sua legitimidade como mediador da esfera pública, expondo sua impossibilidade de purificação. Para Oliveira e Henn (2014, p. 10), esses "pontos de propulsão" se convertem em "um espaço de disputa de sentidos entre os diferente sistemas que se dedicam a interpretar o mundo conforme seus repertórios e interesses", movimento que estaria levando o jornalismo a uma crise sistêmica.

Segundo Oliveira e Henn, o jornalismo, por ser um "sistema aberto, dinâmico, complexo e não linear" (2014, p. 1) está mais "vulnerável às flutuações e crises" (2014, p. 5), mas, por outro lado, mais intensa é a sua força auto-organizacional. Ou seja, simultaneamente em que é atravessado por uma crise sistêmica, o jornalismo busca estabilização por meio de processos autoadaptativos. Nota-se que, mesmo sem um *background* teórico-epistemológico seguro, ele busca formas de manutenção. Sobre esse contexto incidem iniciativas jornalísticas dotadas de posturas deontológicas em conexão

[6] Aqui é interessante fazer uma diferenciação, já que Domingo et al. se refere à rede no sentido da TAR. E rede, para a Teoria Ator-Rede, não pode ser tomada como sinônimo de uma rede de computadores, a internet, por exemplo. A definição de rede para Latour "é uma projeção abstrata de todas as relações possíveis entre agentes, objetos e instituições (atores)" (BASTOS et al., 2014, p. 585), enquanto uma rede de computadores está bem definida no espaço e no tempo.

com um jornalismo "associativo" capaz de dialogar com os pressupostos da TAR, em que outros atores – inclusive não-humanos – são chamados ao fazer jornalístico.

## 3. O não-humano fazendo jornalismo

Nesse sentido, há nexo com a TAR quando Träsel (2013) diz que "toda resistência é fútil" ao se insistir no caráter puramente humanista do jornalismo, sublinhando que pode ser o momento de reinventar a profissão com base em "práticas pós-humanistas", como apuração distribuída e uso de algoritmos para redigir notícias.

Embora ele centre sua abordagem na possibilidade oferecida pela tecnologia para que o jornalismo se dedique a aproximações mais complexas aos acontecimentos, recolocando "a crítica no centro da atividade profissional" (TRÄSEL, 2013, p. 209), o expediente da futilidade da resistência é oportuno para questionarmos, tal como Primo e Zago, o que e quem, além dos jornalistas, estão fazendo jornalismo atualmente. O próprio Latour (2012) diz que "não há mais nenhum sentido falar em humanismo hoje", pois ele "não tem os elementos necessários para absorver as grandes questões políticas atuais". À parte possíveis exageros, Latour parece ter um ponto quando diz que precisamos "pensar na composição na qual humanos e não-humanos se relacionam" (LATOUR *in* RODRIGUES, 2012). Para ele, falta ao humanismo e à "sociologia do social" subsídios para dialogar com questões do nosso tempo, como o meio ambiente, ou, aqui, para problematizar inovações tecnológicas.

Não se trata de ignorar a influência que o desenvolvimento tecnológico sempre exerceu no jornalismo (como mostra a literatura da área[7]), exaltando mudanças trazidas pela dupla informatização e internet. Trata-se, sim, de abordar a relação com a tecnologia, especialmente em suas recentes manifestações, a partir dos pressupostos da TAR – o que também pode ser feito retroativamente, diga-se.

Se é possível pensar o jornalismo anterior à informatização e à internet social sob o prisma da TAR, tal como exemplificaram Primo e Zago (2015) ao citar que processos jornalísticos sempre foram influenciados por atores externos (a pessoa que segura os cabos, o operador do telefone, o motorista, etc), "ainda há muitos outros [atores]

[7] No mesmo artigo em que discutem o jornalismo sob a perspectiva da TAR, Primo e Zago (2015) fazem uma breve recapitulação histórica da relação da tecnologia com o jornalismo.

que permanecem invisíveis" (2015, p. 43). Essa invisibilidade, dizem, está diretamente ligada à definição de quem pode ser considerado ator nos processos jornalísticos. Definidos os mediadores, as outras instâncias são compulsoriamente classificadas como intermediários dotados de transparência.

Ao pensarmos o jornalismo a partir da TAR, a questão parece ser assumir não só que essa transparência talvez nunca tenha ocorrido, como também que a opacidade está ficando por demais evidente para ser ignorada. As duas "ofensivas" à caixa-preta do jornalismo resultam de uma evolução tecnológica – e sua consequente organização social – que se desenvolveu independentemente do jornalismo, mas que vem afetando-o de maneira irreversível.

Atualmente não faltam exemplos, para além dos sublinhados por Träsel (2013), passíveis de problematizar essa crescente opacidade. Em artigo apresentado na Compós de 2014 (OSÓRIO, 2014), defendemos a crescente importância de técnicas de verificação digital para coberturas jornalísticas na internet. Embora seja um aspecto ainda pouco tensionado, a verificação digital pode ser definida como o uso de técnicas e ferramentas digitais para realizar a apuração jornalística. Isso significa, por exemplo, saber ler metadados de um arquivo de uma foto para conseguir determinar local e data em que ela foi tirada, ou contar com um software de imagem reversa para saber se uma fotografia dita inédita não foi retirada da própria internet e recolocada em circulação.

Nos últimos anos, a adoção e o desenvolvimento de técnicas de verificação digital vêm fazendo diferença em coberturas jornalísticas de caráter global em que o trabalho jornalístico *on the ground* encontra dificuldades. Para citar dois exemplos relevantes, a iniciativa Bellingcat[8] descobriu a localização da execução do jornalista James Foley na Síria por meio da análise das imagens divulgadas pelo Estado Islâmico[9] e concluiu de que foram os rebeldes russos os responsáveis por abater o voo MH17 durante as tensões na Ucrânia, publicando um relatório[10] com provas reunidas por meio de verificação digital.

[8] htpp://www.bellingcat.com. Acesso em: 25/07/2015.
[9] https://www.bellingcat.com/resources/case-studies/2014/08/23/the-hills-of-raqqa-geolocating-the-james-foley-video/. Acesso em 25/07/2015.
[10] Disponível em https://www.bellingcat.com/wp-content/uploads/2014/11/Origin-of-the-Separatists-Buk-A-Bellingcat-Investigation1.pdf. Acesso em 25/07/2015.

Outro exemplo relevante vem da atuação do reported.ly[11] ao atentado à revista Charlie Hebdo. Utilizando o Twitter como ferramenta de monitoramento, eles rapidamente tiveram acesso a um dos primeiros vídeos com a ação dos terroristas nas ruas de Paris, e confirmaram a sua veracidade por meio da geolocalização. Depois, durante a cobertura, seguiram qualificando e confirmando informações sobre o evento publicadas por usuários não-jornalistas em diversos sites de redes sociais[12].

Atentos à crescente importância dessas práticas, o European Journalism Center (EJC) lançou, em 2014, o Verification Handbook (SILVERMAN, 2014), livro que reúne as principais técnicas de verificação de conteúdo digital. Na introdução, Craig Silverman e Rina Tsubaki, dois dos autores, sublinham o potencial existente na combinação entre a inteligência humana e os recentes avanços tecnológicos, mas pontuam que, sem desenvolver e treinar técnicas e processos, a tecnologia pode mais atrapalhar do que ajudar (OSÓRIO, 2014, p. 10).

Se analisarmos o que dizem Silverman e Tsubaki sob a perspectiva da TAR, a tecnologia atua claramente como um mediador nos processos jornalísticos de verificação digital, fazendo diferença – seja "ajudando", seja "atrapalhando" – na composição do social que busca a estabilização na forma de um discurso jornalístico. Os jornalistas precisam estar atentos ao tipo de associação realizada com esses atores não-humanos (além dos demais atores envolvidos) para que a tradução[13] resulte em uma rede, no sentido da TAR, capaz de encadear os fatos da forma mais resistente possível aos testes da opinião pública (HOLANDA; LEMOS, 2014, p. 10).

---

[11] "Veículo de cobertura jornalística global que funciona de maneira distinta da imprensa tradicional ao incorporar práticas e rotinas que vão ao encontro da necessidade de superação do modelo jornalístico clássico" (OSÓRIO, 2015, p. 17). Não há redação, os jornalistas estão distribuídos em vários fusos horários, não há uma priorização da notícia ou da reportagem como produto principal, e a verificação digital ser utilizada como principal técnica de apuração em função das matérias-primas do conteúdo ser oriunda de conteúdo gerado por usuários (user generated content, ou UGC). Disponível em http://reported.ly. Acesso em 26/07/2015.

[12] Ver mais em http://www.poynter.org/news/mediawire/311379/how-reported-ly-is-covering-the-charlie-hebdo-shooting/. Acesso em 26/07/2015.

[13] Tradução, na TAR, é a designação dessa coisa "que não é nem um ator entre muitos nem uma força por trás de todos os atores transportados por meio de um deles, mas uma conexão que transporta, por assim dizer, transformações", induzindo "dois mediadores à coexistência" (LATOUR, 2012, p. 159-160). Na interpretação de Freire (2006, p. 51), traduzir "significa deslocar objetivos, interesses, dispositivos, seres humanos. Implica desvio de rota, invenção de um elo que antes não existia e que de alguma maneira modifica os elementos imbricados".

Os exemplos ajudam a ilustrar as possíveis saídas encontradas pelo jornalismo para superar a crise sistêmica, tal como foi definida por Oliveira e Henn (2014). Eles demonstram "novas formas de narrar", abrindo "espaço para reflexão sobre novos modos de ação" (SALLES, 2011, p. 9), que levem em conta não só a participação de atores não-jornalísticos e não-humanos na cristalização do discurso jornalístico como manifestação do social, mas que haja nessa relações uma simetria capaz de transcender caráter historicamente purificado e humanista do jornalismo.

Não considerar a tecnologia um ator capaz de conduzir performances essenciais às associações jornalísticas é assumir o risco de o jornalismo não conseguir cumprir os pré-requisitos que historicamente o fizeram ser um dos mais legítimos mediadores da esfera pública. Ou seja, é preciso assumir que a tecnologia – representada no exemplo da verificação digital pela atuação de determinadas técnicas, ferramentas e softwares –, assim como os jornalistas, também "faz jornalismo".

## 4. Desafios teóricos, metodológicos e ontológicos

Assumir uma postura como essa, impõe, como dissemos, questões não só teórico-metodológicas mas também ontológicas ao estudo e à prática do jornalismo. Em ambos os aspectos, as oportunidades são tão grandes quanto os desafios.

Holanda e Lemos lembram que "toda a associação deixa rastros, sendo o trabalho do cientista social de reconstruí-los e reagrupá-los" (HOLANDA; LEMOS, 2013, p. 2). E Bruno (2012) sublinha a colocação de Latour de que "a quantidade e a qualidade dos rastros digitais hoje presentes na internet oferecem às ciências sociais, segundo este autor, a possibilidade de renovar tanto suas metodologias quanto suas abordagens teórico-conceituais" (BRUNO, 2012, p. 19). Sendo o social, segundo a TAR, o resultado de associações que deixam rastros, e sabendo-se que hoje a possibilidade de acesso, arquivamento e organização desses rastros é facilitado pela tecnologia, as possibilidades de compreensão de fenômenos parecem promissoras[14].

No entanto, é preciso parcimônia para desenvolver métodos de rastreamento capazes de dialogar com os pressupostos da TAR. Bastos et al. (2014), ao analisarem "a associação dos métodos de Análise de Redes Sociais (ARS) com a Teoria Ator-Rede"

[14] Um exemplo é o trabalho realizado por Fábio Malini Labic, da UFES.

(BASTOS et al., 2014, p. 1), chamam a atenção para o caráter evasivo de alguns dos seus conceitos fundamentais e para o fato de as redes, na TAR, serem "definidas independentemente de qualquer temporalidade e geografia" (2014, p. 11), configurando-se em uma "projeção abstrata" (p. 10) pouco afeita a métodos dependentes de um caráter cronológico-temporal melhor definido, como a ARS.

Esses aspectos lançam desafios à prática e à pesquisa jornalísticas realizadas sob o ponto de vista da TAR. Tais desafios ficam evidentes quando, por um lado, o jornalismo se vê obrigado a abraçar uma postura que valorize simetria de manifestações e ao mesmo tempo mantenha sua capacidade de construir um discurso próprio capaz de manter sua legitimidade social; e, por outro; quando impõe-se a necessidade de desenvolver métodos de análise desse mesmo cenário como forma de verificar a manifestação do social e o papel do jornalismo em sua estabilização.

Se pensarmos no exemplo do Bellingcat, mais especificamente o relatório sobre a queda do voo MH17, podemos identificar esses desafios no trabalho realizado pelos jornalistas para, como diz Latour, "seguir os atores". Ou seja, a partir de uma associação com as diversas instâncias de envolvimento (e com as informações colocadas por elas em circulação), humanas e não-humanas, desde fontes oficiais russas e ocidentais até fotos compartilhadas por testemunhas e locais, passando por softwares, algoritmos, dados e metadados, os jornalistas conseguiram estabilizar uma versão do ocorrido sustentada por certa simetria entre atores.

A questão crucial parece ser como cristalizar as entranhas dessa associação cujo resultado foi uma versão do acontecimento que mobilizou o mundo no início de 2014. Quais são os melhores métodos para (re)traçar essa rede (nos parâmetros da TAR)? Ampliando a pergunta: como desenvolver um constructo metodológico capaz de desvelar a movimentação que resultou no relatório como estabilização do social poderia ajudar a entender a importância do caráter simétrico entre humanos e não-humanos nas relações jornalísticas, e assim ampliar a possibilidade de encontrar objeto de estudo do jornalismo justamente na imaterialidade dessas associações?

Embora o desenvolvimento de técnicas de representação gráfica (grafos, infográficos, etc) dessas associações seja promissor[15] – a despeito das polêmicas envolvendo diferentes abordagens empíricas –, Latour (2012) enfatiza a importância de uma instância bem menos complexa para dar conta da tarefa de tecer as redes que compõem o social: os relatos textuais, "o laboratório do cientista social" (2012, p. 187). Para o sociólogo francês, um bom relato é "aquele que tece uma rede" (p. 189), "é uma narrativa, uma descrição ou uma proposição na qual todos os atores *fazem alguma coisa* e não ficam apenas observando" (LATOUR, 2012, p. 189, grifos do autor).

O relato precisa dar conta do movimento das associações, um desafio que pode ser comparado, diz Venturini (2010), a um "mergulho no magma". Ele usa essa metáfora geológica ao tentar mostrar como as situações sociais – no caso específico, as controvérsias – podem ser exploradas a partir dos pressupostos da TAR. Segundo ele,

> a vida social flui como um magma em um duplo movimento de liquefação e solidificação. Quando nós observamos controvérsias, nós focamos no lado líquido. Quando nós descrevemos controvérsias, nós contribuímos para a solidificação de algumas partes do magma social. Ambas as tarefas são igualmente importantes e próximas na prática da cartografia social (VENTURINI, 2010, p. 11)

Bastos et al. ainda fazem uma observação pertinente ao jornalismo sobre a limitação da TAR em analisar relações em que há assimetria de antemão entre as instâncias envolvidas pela "impossibilidade de refinar as diferenças entre os atores", pois "a rede de poder é apresentada como um compêndio de vínculos anódinos sem relação com a tensão entre grupos de poder" (BASTOS et al., 2014, p. 13).

Tal posicionamento levanta questões a respeito do jornalismo visto a partir de um viés crítico, seja considerando-o uma prática social capaz de catalisar mudanças sociais, tal como entende Genro Filho (2012), seja estando atento ao discurso às vezes anexado à postura do *status quo* de que a tecnologia é sempre positiva ou neutra, o que, por vezes, reforça e/ou acelera um processo de precarização das condições de trabalho do jornalismo, e cujo resultado final é justamente uma dificuldade ainda maior de afirmação tanto na prática profissional quanto na pesquisa científica.

[15] Vide o trabalho de Fábio Malini, no Labic, da UFES.

Assim, como dissemos no início, assumir a TAR – e sua prerrogativa de simetria entre instâncias humanas e não-humanas – para pensar o jornalismo traz implicações não só teórico-metodológicas, mas também ontológicas. Por isso, escolher essa rota predispõe ir devagar para contornar os obstáculos que aparecem pelo caminho. Parece-nos que, nesse momento, podemos dividir essa caminhada em duas estradas paralelas.

Primeiro, pensando a prática do jornalismo sob o ponto de vista da TAR. Sob este aspecto, o próprio jornalismo parece estar encontrando maneiras de atuação capazes de contornar sua impossibilidade de purificação, condição agravada pela crise sistêmica causada pela emergência de outros pontos de propulsão de sentidos. Nesse sentido, a verificação digital, entre outras práticas, serve como exemplo. Segundo, pensando a teoria do jornalismo sob o ponto de vista da TAR. Para fazer isso, é necessário investir em métodos e ferramentas capazes de rastrear o social que se estabiliza por meio de uma associação jornalística.

Aproximando o jornalismo de uma ontologia que se propõe a pensar o mundo a partir de questões contemporâneas, tais ações podem oxigenar as reflexões sobre sua teoria, contribuindo, quem sabe, na busca por seu objeto de estudo.

## Referências

ANDERSON, CW et al. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**. N. 5, ano 2. São Paulo, 2013.

ARCE, Tacyana et al. Mediar, verbo defectivo: contribuições da Teoria Ator-Rede para a conjugação da mediação jornalística. **Revista Contemporânea**. V. 12, n. 3. Salvador: UFBA, 2014..

BASTOS, Marco Bastos et al. Encontros e desencontros entre TAR e ARS: o laço graco entre teoria e método. **Revista Contemporânea**. V. 12, n. 3. Salvador: UFBA, 2014.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD) - Um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos**. Tese de doutorado. Faculdade de Comunicação. Salvador: UFBA, 2007.

BERTOCCHI, Daniela. Dos dados aos formatos: o sistema narrativo no jornalismo digital. **XXIII Encontro da Compós**. Belém: UFPA, 2014.

BRUNO, Fernanda. Rastros digitais sob a perspectiva da Teoria Ator-Rede. **Revista da Famecos: mídia, cultura e tecnologia**. V. 19, n. 3. Porto Alegre: PUCRS, 2012.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DOMINGO, David et al. Tracing Digital News Networks. **Digital Journalism**. V. 3, n 1. Londres, 2015.

FRANCISCATO, Cardos Eduardo. As fronteiras do campo do jornalismo: uma análise a partir da notícia como objeto de estudo. **XXII Encontro da Compós**. Salvador: UFBA, 2013.

FREIRE, Leticia de Luna. Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica. **Revista Comum**. V. 11, n. 26. Rio de Janeiro: FACHA, 2006.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Florianópolis: Insular. 2012.

HOLANDA, André; LEMOS, André. Do Paradigma ao Cosmograma: sete contribuições da Teoria Ator-Rede para a Pesquisa em Comunicação. **XXII Encontro da Compós**. UFBA, Salvador, 2013.

HOLANDA, André. Jamais fomos autônomos. Midiatização para além da purificação moderna. **Revista Contemporânea**. V. 12, n. 3. Salvador: UFBA, 2014.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. **Reagregando o social**. Edufba: Salvador, 2012.

LAW, John. Notes on the Theory of the Actor-Network: Orsering, Strategy and Heterogeneity. **Systems Practice**. V. 5. 1992.

LEMOS, André. **A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume, 2013.

LOPES, Marcelo J. A. Epistemologia do jornalismo litigioso. **XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom**. 1997.

MEDITSCH, Eduardo. Profissão derrotada, ciência não legitimada: é preciso entender a institucionalização do campo jornalístic. **Brazilian Journalism Research**. V. 6, n. 1. 2010.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. Tese de doutorado. Salvador: UFBA, 2003.

OLIVEIRA, Felipe; HENN, Ronaldo. Jornalismo e movimentos em rede: a emergência de uma crise sistêmica. **XXIII Encontro da Compós**. Belém: UFPA, 2014.

OSÓRIO, Moreno Cruz. A curadoria em jornalismo nas coberturas de breaking news em tempo real na internet. **XXIII Encontro da Compós**. Belém: UFPA, 2014.

OSÓRIO, Moreno Cruz. O jornalismo em meio à crise sistêmica: uma proposta de observação a partir da Teoria Ator-Rede. **XIV Congresso Internacional Ibercom**. São Paulo: USP, 2015.

PRIMO, Alex. O que há de social nas mídias sociais? Reflexões a partir da Teoria Ator-Rede. **Revista Contemporânea**. V. 10, n. 3. Salvador: UFBA, 2012.

PRIMO, Alex. Como fala um actante coletivo? A organização Fifa encarnada por Jérôme Valcke. **Revista Contemporânea**. V. 12, n. 3. Salvador: UFBA, 2014.

PRIMO, Alex; ZAGO, Gabriela. Who and what do journalism? An actor-networks perspective. **Digital Journalism**. V. 3, n 1. Londres, 2015.

RODRIGUES, Carla. Para antropólogo, ideia do 'eu' precisa dar lugar à de rede. **Valor Econômico online**. 07 ago. 2012. Disponível em: <http://www.valor.com.br/cultura/2778026/para-antropologo-ideia-do-eu-precisa-dar-lugar-de-rede#ixzz22xMxdGxP>. Acesso em: 28 abr. 2015.

SALLES, Cecilia Almeida Salles. Jornalismo em processo. **XX Encontro da Compós**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

SILVA, Gislene. Sobre a imaterialidade do objeto de estudo do Jornalismo. **e-Compós**. V. 12, n. 2. Brasília, 2009a.

SILVA, Gislene. De que campo do jornalismo estamos falando? **Revista Matrizes**. Ano 3, n. 1. São Paulo, USP: 2009b.

SILVERMAN, Craig. **Verification Handbook**. 2014. Disponível em: <http://verificationhandbook.com/ >. Acesso em: 27 jul. 2015.

SOUSA, Jorge Pedro. Pesquisa em jornalismo: o desbravamento do campo entre o século XVII e o século XIX. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2007.

TRÄSEL, Marcelo. Toda Resistência é Fútil: O Jornalismo, Da Inteligência Coletiva à Inteligência Artificial. In: PRIMO, Alex (org.). **Interações Em Rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

VENTURINI, Tommaso. Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory. **Public Understanding of Science**. V. 19 (3), 2010.